

# A POESIA DE VANGUARDA E A ESCOLA PRIMÁRIA

Affonso Romano de Sant'Anna

Talvez fosse estranho, talvez não fosse, o fato de apresentarmos num encontro de poetas de vanguarda uma comunicação que não vai se realizar nas complicações terminológicas da crítica atual, nem pretende propor novas soluções técnicas ou mesmo a contribuição crítica à obra de algum grande autor, porventura também vanguardista.

Este trabalho terá antes o caráter de depoimento. Se por acaso aqui forem encontrados elementos para a reelaboração do problema sempre discutido das relações entre poesia/sociedade, poesia/povo, nos sentiremos recompensados.

Por outro lado, cumpre assinalar que nos achamos à vontade para abordar esse tema. Ainda recentemente, publicamos em livro, um ensaio - O DESEMPREGO DO POETA. Era nossa principal preocupação, demonstrar que o divórcio existente entre o poeta e a sociedade, tem explicações sócio-econômicas. Na análise que fizemos, depois de uma ligeira exposição histórica das relações entre o público e a poesia, concluímos que no século XX, novos fatores influenciaram e agravaram o distanciamento entre o poeta e a sociedade. Demonstramos que o poeta fora substituído em seu pedestal histórico, por figuras típicas do mundo contemporâneo, mais convincentes e mais convenientes aos olhos do grande público: o jogador de futebol, o artista de rádio e de cinema, o jornalista, o "public relations" e até mesmo o cronista social. Com o desenvolvimento pragmátista de nossa sociedade e pelas imposições sócio-econômicas inerentes, passou o poeta a ser uma figura secundária na intrincada engrenagem social.

Não vamos fazer aqui a reexposição de nosso pensamento. Queremos, contudo, assinalar um ponto importante para o re-estudo da questão. E aqui entra o interesse desta nossa comunicação. Vejamos:

Quando publicamos aquele ensaio, preocupados em assinalar as causas do "desemprego", não cuidamos de apontar os processos mediante os quais o poeta poderia de novo restabelecer seu contato com seu público que cada vez é mais

indiferente. Entre as pessoas que criticaram o livro, houve uma que realmente trouxe uma contribuição nova ao problema. Foi a professora e diretora escolar, autora de vários livros para crianças, Elza de Moura, que, em artigos para jornal, chamou nossa atenção para as possibilidades que tem a escola primária de realizar um trabalho de reatamento das relações entre o poeta/poesia e o público/sociedade. Dizia a professora, que vários autores modernos brasileiros eram comumente utilizados pelo programa oficial do ensino primário em Minas Gerais. Através de leituras, declamações, corais falados e leituras silenciosas, os meninos tomavam conhecimento de poemas de Drummond, Bandeira, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e outros. Isto, bem se vê, é um avanço extraordinário; principalmente quando se considera que mais da metade de nossos professores secundários têm sólidos e impenetráveis preconceitos contra a poesia dita moderna ou qualquer sombra de inovações em arte.

Depois dos seus artigos vazados na prática diária em contato com os meninos, resolveu aquela educadora fazer mais uma experiência dentro do campo das relações poesia/aluno. Tomou um dos nossos poemas, considerado poema de vanguarda, e atesto-o devidamente junto à compreensão de seus garotos no Grupo D. Silvério Gomes Pimenta, grupo de periferia de Belo Horizonte. Sobre o método aplicado e sobre o resultado, a professora nos dá conta num relatório que transcreveremos adiante. Contudo, antes das palavras de Elza Moura, gostaria de fazer as seguintes e rápidas considerações:

- a) o poema fora elaborado dentro de um critério rigoroso de síntese. Nele, não obstante se encontre o sujeito, o predicado e o complemento, eles se insinuam de maneira complexa e diluída. Não há nenhuma métrica nem rimas dentro de um critério tradicional e parnasiano.
- b) o poema já fora publicado em livro, revistas e jornais, tendo recebido críticas as mais diversas e antagônicas: desde um rapaz de 15 anos, semi-analfabeto, dado às pescarias, que demonstrou com entusiasmo as sensações que o poema lhe provocou, até as palavras de uma jovem professora universitária que o qualificou de "ajuntamento de palavras, que eu faço quando quiser". Como se pode ver, duas posições opostas. É claro que, como autor, estou e estarei sempre com o semi-analfabeto de 15 anos dado às pescarias, que não tem nenhum falso verniz de sensibilidade.

## Depoimento da professora

Quem acompanha o desenvolvimento da composição infantil, nota a tendência para a repetição desnecessária, a prolixidade, e, quando a síntese começa a se manifestar, marca uma fase importante: uma evolução avançada. Os mestres da metodologia da língua nos ensinam que uma composição infantil deve ser apreciada e não corrigida, justamente por causa das fases da evolução do pensamento da criança.

Como uma criança se comportará diante da poesia moderna?

A experiência que levamos a efeito mostra que a criança compreende a síntese, embora ainda não tenha alcançado essa etapa. Foi o que concluímos com o nosso estudo. A técnica usada foi a seguinte:

Escolhemos a poesia A PESCA de Affonso Romano de Sant'Anna, para ser aproveitada em duas classes: uma de 3° e outra de 4° série do curso primário, do grupo escolar "D. Silvério Gomes Pimenta", da capital. Com a classe da 4° série (crianças entre 9 e 11 anos na média), lemos a poesia, sem comentários e sem dizer o título. Pedimos logo em seguida, a interpretação escrita e ainda pelo desenho. Aí, estão os trabalhos das crianças.

Mais tarde um menino me acercou no recreio e perguntou se a poesia falava sobre pesca. Confirmei a opinião dele. E muitas outras crianças discutiram sobre o assunto da poesia.

Com a classe da 3° série, de crianças mais novas (entre 8 e 9 anos), a técnica foi diferente. Partiu de uma conversa em que indaguei da classe se sabiam como era feita uma pescaria, uma pesca. Muitos falaram, contando minúcias sobre essa atividade que tanto poderia ser um esporte como um meio de vida.

Depois dessa conversa viva, comecei a ler o poema para a classe. Receiando o excesso de síntese que poderia prejudicar a interpretação li a primeira estrofe e perguntei se compreendiam os versos. Sem hesitação, as crianças disseram:

- Conta que é o céu, o homem jogando o anzol na água, e o azul do céu refletido no rio.

Lia cada estrofe e esperava a interpretação da classe. Quando surgiu a palavra âncora, perguntei o que era. Recebida a resposta, levei as crianças a descobrirem a semelhança da

âncora com o anzol. E assim foi feita a leitura de todo o poema. Logo depois as crianças escreveram sobre ele, completando o trabalho com desenho. Aí estão.

## O POEMA

### A PESCA

o anil	a garganta
o anzol	a âncora
o azul	o peixe
o silêncio	a boca
o tempo	o arranco
o peixe	o rasgão
a agulha	aberta a água
vertical	aberta a chaga
mergulha	aberto o anzol
a água	aqueleíneo
a linha	ágilclaro
a espuma	estabanado
o tempo	o peixe
a âncora	a areia
o peixe	o sol

### Exemplos de composições

Transcreveremos a seguir alguns exemplos das composições dos alunos da 3<sup>o</sup> série e 4<sup>o</sup> séries. Lamentamos apenas não colocar aqui tais composições em reprodução de clichês para que o leitor se delicie com a ortografia, as ilustrações e desenhos sobre pesca.

#### A PESCA

Era uma vez um homem que ia fazer uma pesca. Ele se chama Pedro. Ele pescava num rio muito bonito de águas claras e azuis. O céu estava muito azul e o sol quente. Então Pedro jogou o anzol o silêncio era completo. Então veio o primeiro peixe e a pouco segundo, terceiro e daí por diante. E Pedro foi pondo os peixes na areia e o sol brilhava no céu. A garganta do peixe ficou machucada e a boca também. Quando Pedro viu que era hora do almoço foi embora e gostou da pesca. A mulher de Pedro fritou dos peixes e eles comeram com bom apetite.

(Maria Cândida Gomes  
- 3º série. Idade: 8)

#### A PESCA

O pescador sentou à beira do Rio.  
Pôs o anzol dentro d'água  
E o silêncio começou  
O sol estava lindo e o céu azul.  
O peixe agarrou o anzol.  
O pescador puxou.  
E rasgou a cabeça do peixe.  
A água fez um buraco.  
Para o peixe sair.  
E machucou o peixe.  
Deixou o peixe na areia no sol.

(Débora Lima Bassalo  
- 3ª série - Idade: 9)

#### PESCARIA

O anil descreve a cor do céu  
O anzol com que estava pescando.  
O azul é a cor do rio.

O silêncio é o modo que o tempo estava. No rio o barco andava, a âncora desceu, o barco parou. E um menino na areia pescava. O peixe viu a isca e foi come-la. A agulha mergulha no rio. E o peixe o anzol, o peixe saiu. O menino partiu o peixe no meio lavou fritou e comeu no silêncio do dia.

O sol estava quente, o fogo vermelho e o menino comendo o peixe. O menino pescador se chamava Mário. Nesse momento a água do rio espumava.

(Maria de Fátima Gomes Ferreira  
- 4º série - Idade: 11)

#### O PESCADOR

Eu entendi que a cor azul e a água o mar tinha era refletida no céu. A agulha vertical era o anzol e a linha era a linha do anzol. De repente ele pescou um peixe. A linha do anzol entrou na boca do peixe e enganchou na sua boca. O silêncio era para não espantar os outros peixes que estavam no mar.

(Rosângela Ferreira Diniz  
- 4ª série - Idade: 10 anos)

### Análise das Composições

Com o depoimento da professora Elza Moura, com o exemplo dessas quatro composições e baseados ainda em outras composições, poderemos partir para uma análise do trabalho dos meninos, tentando fixar as características principais. Vejamos:

- 1º) o total de composições é de 72. 43 pertencem à 4º série, 39 à 3ª série;
- 2º) dessas 72 pode-se concluir que houve uma compreensão geral e essencial do poema;
- 3º) dentro dessa compreensão geral, poderemos observar:
  - a) há uma ligeira diferença no grau de percepção entre os alunos das duas séries. Os mais adiantados se expressaram melhor, não obstante os da terceira série demonstrassem uma percepção nítida do poema;

- b) somente dois trabalhos podem ser considerados exceções em relação aos demais. Um, por se mostrar um tanto confuso; e outro por se constituir numa variação sobre o tema proposto. E porque podem ser consideradas exceções os transcrevemos:

#### O PESCADOR

Um pescador mergulhou o anzol na água azul do mar e pegou um peixe o sol na areia no silêncio do ar um navio afundou e a água espumou a água e o sabão.

(Elizabeth Faeda  
- Idade: 11)

Apesar da síntese exagerada da aluna está aí a prova do entendimento geral do poema. Pela ortografia e pela ausência completa de pontuação, pode-se deduzir não só o grau de adiantamento da menina (compare-se com as outras composições transcritas), como pode-se perceber que ela lançou no papel o seu pensamento pura e simplesmente para desfazer-se de uma exigência da professora. Existe, contudo, nesse trecho, um dado curioso: o aparecimento de um navio que afundou. Não se sabe onde foi a menina buscar tal idéia, a não ser num sistema particular de correlações e analogias a partir das palavras água e mar. Outra palavra curiosa aí é - "sabão" - que deve pertencer também ao seu vocabulário doméstico.

O outro trabalho que pode ser considerado mais como uma variação sobre o tema indicado, é o seguinte:

#### O MAR

Um mar cor de anil com ondas bem fortes. Um navio dando voltas no anil do lindo mar e mar de poucos peixes. Os homens presos ficam olhando quando ela dá aquelas ondas ficam assustados com aquele barulho forte quando o mar, fica manso todos ficam muito alegres. Os prisioneiros ficam amigos para nunca mais brigar.

(Telma Borges de Oliveira Santos  
- Idade: 10 anos)

É fácil de se constatar que a aluna embora tenha fugido ao tema central, ficou na ambiência do mesmo, preferindo descrever o mar e seus incidentes. Aliás, o próprio título da composição já dá a direção que a aluna seguiria - O MAR.

4º) os trabalhos podem ainda ser classificados em dois grupos:

a) os que manifestam somente uma tarefa de reprodução, de espelhagem pura e simples do poema.

b) e aqueles que ostentam uma imaginação rica, capaz de acrescentar algo à idéia central da pesca.

Este segundo tipo é mais interessante e o que mais nos importa. Vejamos, portanto, alguns dos recursos imaginativos dos meninos:

o peixe é comido:

[...] no rio o barco andava, a ancora desceu, o barco parou. E um menino na areia também pescava. O peixe viu a isca e foi comê-la [...] o menino partiu o peixe lavou fritou e comeu no silêncio do dia.

(Maria de Fátima Gomes Ferreira  
- Idade: 11 anos)

a presença da sereia:

[...] o homem levou o peixe para a areia. Ele era gordo e bonito. A agulha e o que estava no anzol. E no rio também tinha sereia".

(Imaculada Ribeiro da S.  
- Idade: 12 anos)

fuga do peixe:

[...] o peixe escapou do anzol e pula na areia. A areia está muito quente. Pobre peixe escapou de uma morte mas morreu em outra. O sol estava muito quente e areia pegando fogo”.

(Mário Treneide  
- Idade: 12 anos)

a esposa do pescador:

Era uma vez um homem que gostava muito pescar. Um dia o homem foi pegar no pelo riacho. Este homem se chamava José ele mas a esposa [...]

(Pedro Antonio da Silva  
- Idade: 11 anos)

sentido prático comercial:

Este aluno intitulou a sua composição de O DIA; isto explica suas variações sobre o tema.

[...] Sobre o imenso mar lá ia o navio com muitas pessoas dentro. Velava de lá para cá. O pescador com sua riqueza de peixe vendia-os no mercado ganhando dinheiro para sustentar sua família. O sol iluminava a terra dava vida as plantações.

(Milton Pardo  
- Idade: 11 anos)

explicação sobre a agulha:

Talvez a imagem mais difícil do poema fosse aquela que chama o anzol de agulha (já que ele é continuação da linha). No entanto o entendimento foi exato como no caso da menina que interpretou a imagem como a maioria:

Eu entendi que a cor azul e a água que o mar tinha era refletida no céu. A agulha vertical era o anzol e a linha era a linha do anzol. De repente ele pescou o peixe. A linha do anzol entrou na boca do peixe e agarranchou-se na sua boca. O silêncio era para não espantar os outros peixes que estavam no mar.

(Rosângela Ferreira Diniz  
- idade: 10 anos)

Existe em uma outra composição esta mesma idéia com uma variante:

[...] E pescador pesca silenciosamente para não espantar os peixes. E a agulha vertical e guarda na sacola de pano.

(Sérgio Márcio Silva  
- idade: 11 anos)

imaginação romântica:

A composição seguinte além de ser muito bem redigida quase sem erros gramaticais, demonstra uma imaginação rara:

O lindo lago azul

Um dia em que fui fazer um passeio encontrei um lindo lago com as águas de cor anil e igual a cor do céu. Eu vi que no lago tinha muitos peixes, na beira do lago havia um pescador com uma enorme vara de pescar em sua vara havia uma agulha vertical amarrada numa linha amarrada na ponta da vara. Era um lindo dia de sol. O pescador zaz puxou a vara e fez um rasgo

na garganta do peixe com a âncora. Era um lindo peixe dourado, o pescador jogou de novo a vara no lindo lago azul. E eu também joguei a minha vara e comecei a pescar. Aquele dia para mim foi um grande dia por que fiz aquele dia um bom passeio. O pescador levou o peixe apanhando o peixe na areia que havia jogado naquele lugar e ainda estava o céu azul da cor do anil e o pescador foi embora e eu também fui cada um por um caminho.

(Edmir Lage Amorim  
- idade: 11 anos)

Este menino meteu-se dentro da história como personagem e estabeleceu um enredo com um princípio, meio e fim. Também caracteriza o peixe: "lindo peixe dourado". Assinale-se ainda que a imaginação romântica do menino preferiu um "lindo lago azul" e não um rio ou mar para sua história.

violência da pesca:

Dentro do poema existe a intenção de um efeito: dar a sensação da violência da pesca com o mínimo de emoção e palavras. Este efeito é preparado dentro da calma geral do poema com o aparecimento do terceto:

a garganta  
a âncora  
o peixe

e através da exploração das variantes sonoras do "r", mesmo no terceto seguinte:

o boca  
o arranco  
o rasgão

Em geral, todas as composições demonstram uma mesma reação diante do ato da pesca: todos os alunos lamentam a morte do peixe e ressaltam a ferida que o anzol lhe causou. Esta foi a cena mais fixa na mente deles, a que mais os impressionou. Vejamos alguns exemplos:

[...] o pescador, puxou a linha e tirou o peixe dentro d'água e jogou-o na areia onde estava o sol. A garganta do peixe ficou toda estrangulada. Pobre peixe, lá estava ele estrangulado, deitado na areia.

(Maria Lúcia Caetano  
- idade: 12 anos)

[...] pobre do peixe agarrou a boca no anzol e o pescador puxou-o. O Peixe rasgou a boca. Oh! Como o peixe sofreu.

(Nilton José Abreu  
- idade: 13 anos)

[...] a linha do anzol enfiou na boca do peixe e agarrou na garganta dele. Ele ficou com chagas isto é cheio de machucados."

(Edna Sueli Taschaber  
- idade: 11)

[...] ele jogou o anzol e pescou um peixe, furou a boca dele e rasgou a boca do peixe e levou para a praia [...]

(Shirley das Graças de Jesus  
- Idade: 12 anos)

[...] o pescador lançou o anzol no lago espumado e sentiu que o peixe estava puxando o anzol então ele puxou a sua agulha que estava muito afiada, rasgou a boca do peixe e ele encheu o lago de sangue.

(Edsmond Cândido  
- idade: 10 anos)

a presença do navio:

Vários alunos incluíram um navio em sua história. Mas houve um que foi mais adiante. Vejam:

[...] o mar azul cor anil está espulmando e o céu e o silêncio corre na paria e um navio ancorado no porto Angra dos Reis, e quando o pescador lança o anzol [...]

## DOIS ESTILOS

Um outro ponto que merece destaque especial, refere-se aos estilos em que foram escritas as composições. Alguns são analítico descritivos e deixam a imaginação à solta, enquanto outros são sintéticos e se restringem ao mínimo de informações possíveis. A respeito destes últimos, é interessante notar que alguns dispuseram as imagens e suas frases interpretativas mais ou menos em versos. Por outro lado, é importante assinalar que eles não viram o poema, o texto não lhes foi mostrado, faltando-lhes, portanto, este tipo de comunicação - o visual, que no caso do presente poema, é importante, pois ele obedece a uma disposição vertical como a linha da pesca. Uma aluna da terceira série chegou a numerar os acidentes do poema para melhor distinguir a interpretação:

### A Pesca

- 1) Havia uma lagoa bem
- 2) Longe daqui
- 3) Lá havia pescador
- 4) O céu estava azul
- 5) O sol estava quente
- 6) O pescador pós o anzol
- 7) Dentro d'água
- 8) O pescador puxou o anzol
- 9) O rio estava silêncio
- 10) O pescador arranca o anzol

- 11) O peixe e o peixe saiu com
- 12) O anzol. O anzol machucou
- 13) O peixe.

(Dirce Maria Marques  
- idade: 9 anos)

Esta disposição escolhida pela própria aluna, talvez indique a intenção de destacar os elementos novos da composição através de alguns "enjambements". Contudo, muito mais importante que isto será observar em outras composições a assimilação do estilo da poesia lida em classe. Isto é perfeitamente explicável: o aluno primário reage dentro de um critério de imitação, aproveitando o vocabulário das histórias contadas e as expressões mais acessíveis. É assim que ele forma o embrião do seu vocabulário que a escola secundária teria responsabilidade de desenvolver melhor.

No caso do presente poema, instintivamente tentaram também assimilar a maneira da narração usada, não sendo raros os que fizeram como Salete Alencar Freitas: Idade: 11anos, que começou:

#### O PESCADOR

A água, o anil, o silêncio e o azul.

Água. É onde o homem pescava

Anil. Era a cor da água

Silêncio. Era onde não ouvia nenhum barulho.

Azul. O céu que não tinha nem uma mancha branca.

O peixe, o anzol, o silêncio agulha.

Peixe. O que ele pescava.

Anzol. Como ele pescava

Silêncio. Como estava aquela hora  
agulha. Que ele pendurava o peixe

O sal, areia, o peixe

Sol. Mostrava o tempo que ele pescava

Areia. O lugar que ele estava

Peixe. A coisa que ele pescava.

Como várias crianças usaram processos mais ou menos semelhantes, é válido assinalar que se verificou um fenômeno característico na evolução da escrita infantil: elas descobriram um novo estilo e o praticaram com uma certa naturalidade. Certamente, essas crianças do D. Silvério não teriam tardiamente a surpresa que tivemos, quando já adolescentes vimos pela primeira vez um texto moderno de prosa através de um exemplo de Graça Aranha, onde a ordenação da frase era bem distinta da tradicional seqüência do sujeito, predicado e complemento.

Com esses fatos encontramos-nos perante algo constatado cientificamente e que interessa amplamente a todo escritor e educador: a linguagem escrita e oral da criança é susceptível de ser dirigida e exercitada em vários sentidos. Esta observação aparentemente simples e sem maiores implicações, terá o interesse devido se lembrarmos que os poemas considerados de vanguarda, oferecem ao leitor uma série de formas raras, às vezes exdrúxulas, antidiscursivas, demonstrando uma vocação cada vez maior para a síntese. Essas formas estranhas do poema de vanguarda aparecem para o adulto como aberrações e exemplos teratológicos de poesia. Porém, isto não se dá com a criança. Sua mente está límpida, infensa aos preconceitos literários, desimpedida de qualquer raciocínio "a priori". Isto nos leva quase a uma contradição: a criança está mais apta a perceber um poema de vanguarda, não obstante seja o adulto quem tenha maior vivência e reservas intelectuais para tal.

Isto tudo, forçosamente, nos remeterá a uma tese: a de que a criança não julga uma obra de arte mediante aspectos formais pré-estabelecidos, e que ela está apta a entender um poema de vanguarda, desde que o vocabulário e a "estória" se circunscrevam nos domínios de sua experiência diária.

## Conclusão

Toda essa análise logicamente nos porá frente a frente com uma questão, que aparecerá sob indagações diversas: o que tem sido feito no sentido de intensificar a leitura da poesia nas escolas primárias e secundárias? ou, como tem sido tratada a poesia em tais circunstâncias? o que temos nós os poetas e os educadores feito nesse sentido? quantas vezes já nos detivemos sobre este assunto?

Sem dúvida a resposta não é muito lisonjeira, nem para os poetas, nem para os educadores em geral. Sabemos perfeitamente que o ensino secundário brasileiro é precaríssimo e se funda sobre improvisações. Está repleto de professores sem preparo, sem qualquer sensibilidade literária, que de literatura entendem tanto, quanto um bombeiro, de psicanálise. Na escola primária, felizmente, a coisa já é um pouco diferente. Dizemos isto com conhecimento direto que temos do problema em Minas Gerais, seja visitando grupos, seja estudando e analisando periodicamente o problema. Em Minas, há toda uma geração de professoras primárias formadas na antiga Escola de Aperfeiçoamento e que têm na figura de Lúcia Casassanta, por exemplo, um estímulo e uma orientação segura.

Procurando uma bibliografia sobre o assunto, encontramos dois livros fundamentais para a postulação do problema: A POESIA NO CURSO PRIMÁRIO de Alaíde Lisboa de Oliveira, Zilá Frota e Marieta Leite, edição da Francisco Alves, em 1939 e a ANTOLOGIA POÉTICA PARA A INFÂNCIA E A JUVENTUDE, organizada pela poetiza Henriqueta Lisboa, edição do Instituto Nacional do Livro, 1961.

O primeiro desses livros possui um estudo metodológico inicial, que se constitui numa dessas coisas mais felizes que já se escreveram sobre o emprego da poesia na escola e seu conseqüente reemprego na sociedade. E é realmente consolador que o ano de 1939, três jovens professoras da província se reunissem para, numa antologia, incluírem poemas de Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Cassiano Ricardo, Augusto Meyer e tantos outros modernistas. É consolador e revela uma audácia, pois em 1939 ainda se ouviam os ecos da Semana de Arte Moderna de São Paulo de em 1922, e a poesia moderna era um tabu e uma vítima dos sempre desarrazoados saudosistas parnasianos.

Na instrução dessa antologia, destacam as professoras, a missão pedagógica que tem a poesia na escola primária, ora - exercendo influência sobre a imaginação de criança, ora influenciando os sentimentos e emoções, ora transmitindo experiências - intelectuais, e em outras circunstâncias revelando a natureza e desenvolvendo a sensibilidade virgem dos meninos.

No que concerne à obra elaborada por Henriqueta Lisboa, temos a atualização do que seria uma antologia universal, com base em coisas brasileiras, para crianças e adolescentes. Diz a poetisa na instrução do volume: "Apresenta-se quase sempre

ao escolar brasileiro, sob o rótulo de poesia, certo artigo prosaico, naturalmente com muito boas intenções. No caso, o engano redundava em desserviço. O pseudopoema, de versos mecanicamente inflexíveis e substância normativa, à feição de uma flor de papel, desorienta e deforma o gosto natural. A verdade é que o magistério da poesia está no seu valor. A lição da poesia deriva de sua própria essência”.

O problema, diz ainda a autora do O MENINO POETA, resulta às vezes da incompleta formação do professor, privado na primeira idade em virtude de um círculo vicioso dos cuidados estéticos. Agrava-se com a questão do material, aparentemente escasso. Esse material existe em abundância, porém se encontra disperso.

A Antologia em questão é um primor de elaboração. Dá gosto ver nomes como Garcia Lorca e Gôngora, emparelhados com Langston Hughes e Tagora: isto, para não falar em Fernando Pessoa e em todos os nossos modernos. Pode ser que a Antologia não funcione em todos os seus aspectos, pode ser, isto é questão para se provar e a própria autora se abre a essa eventualidade. Contudo é um trabalho que não merece ser apenas louvado e imitado. Pode-se ver que constitui também uma prova e um apelo a nós outros que nos dizemos vanguardistas e que ostentamos pretensões às vezes mais literárias do que propriamente humanas e nos afundamos dentro dos redemoinhos terminológicos com vertigem dos néscios.

Está nos faltando a vivência das coisas simples e básicas. Por isto, repetimos o mesmo erro em que incorre a polícia nacional: todas as coisas se resolvem nas cúpulas. As bases estão ignoradas. E nossa poesia quanto mais deseje ser de vanguarda mais estará se distanciando de qualquer realidade, se não voltar sua atenção para esses problemas educacionais simples e importantíssimos.

Se lembrarmos que o Concretismo abriu para nós uma clareira realmente significativa e que graças a ela estamos aptos a achar o caminho perdido na floresta espessa: se considerarmos que os recursos verbi-voco visuais podem se desdobrar amplamente em poemas cartazes que levarão as crianças e o grande público ao encontro de uma nova linguagem, ao exercício de uma nova maneira de ver e de enxergar as coisas e partirmos para realizações mais concretas junto às organizações educacionais, talvez tenhamos resolvido o problema de nossa

posição dentro da sociedade e possamos ver nossos livros editados aos milhares, como naqueles países em que um simples livro de poemas vende 500.000 exemplares.

A poesia brasileira caminha dentro de um bifrontismo: de um lado, os poetas que se chamam vanguardistas por suas ousadias verbais, e de outro, aqueles que se dizem também na vanguarda pela luta de emancipação nacional e praticam uma poesia sem grandes achados formais. Os primeiros são aqueles das revistas INVENÇÃO e TENDÊNCIA, os segundos os publicados nos conhecidos VIOLÃO DE RUA. As duas correntes se dizem portadoras de uma mesma missão social. Ambas querem e provocam um reencontro com o público. Somos testemunhas desses fatos e praticantes dessa agonia.

Por isto, cabe agora esta pergunta: não estaria na escola primária e secundária a raiz da solução do problema, não se encontrariam no contato direto com esses problemas educacionais as soluções para uma série de elucubrações estéticas? Não tenhamos dúvidas: na escola estão não só as soluções dos problemas de um país subdesenvolvido, mas as soluções para nossos conflitos e agonias de escritores circunstancialmente exilados da vida social.